

nº2

BOLETIM CEEGED UNILA

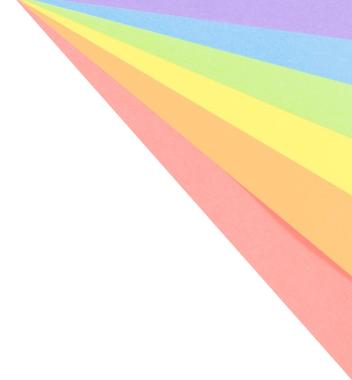
TODA FORMA DE AMOR E CUIDADO





“Só se conhece bem o que se ama”
Heráclito

“[Do amor] podemos esperar ao menos isso:
que ele nos torne um pouco outros, que ele nos mude”
Contardo Calligaris



DEDICATÓRIA

Dedicamos esta edição à memória do menino recifense Miguel e em sororidade à sua mãe, negra e empregada doméstica, Mirtes Renata Souza. Miguel e sua mãe foram vítimas do racismo à brasileira, aquele promovido pelo povo cordial de uma nação que se estruturou sobre o patriarcado e a escravidão e que continua dizendo que aqui promoveu uma democracia racial. #justiçapor-Miguel

APRESENTAÇÃO

É preciso estar disposto e aberto ao outro, aos seus defeitos, falhas e paixões, para enxergá-lo!
É preciso disponibilidade para amar e cuidar, pois só assim nos permitiremos também ser amados e cuidados.

Só isso nos torna melhores!

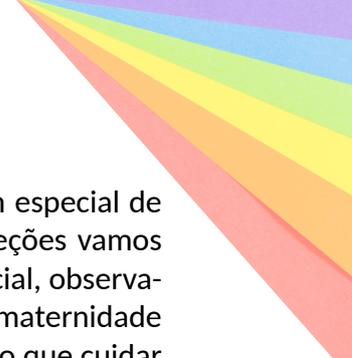
Para ser cuidado é preciso permitir-se uma aproximação com o “outro”, permitir-se estar frágil - aceitar a própria falta, incompletude e desamparo (parece estranho mas muitas pessoas não conseguem entrar em contato com isso, motivo pelo qual não conseguem ser cuidadas e também não conseguem cuidar).

Para estar próximo de alguém é necessário deixar-se afetar pelo outro e dar algo em troca. Muitas pessoas são incapazes de manter relacionamentos duradouros, seja qual for a sua natureza destes, porque não conseguem “trocar”. O cuidado acabou sendo relegado a segundo plano, numa sociedade apressada e individualista, regida pela lógica do mercado.

O amor e o cuidado exigem dedicação, tempo e disponibilidade afetiva. Talvez este momento seja uma oportunidade de nos tornarmos um pouco outros, de sermos pessoas melhores.

É tempo de cuidar!

Acima de tudo ame
como se fosse a única coisa que você sabe fazer
no fim do dia isso tudo
não significa nada
esta página
onde você está
seu diploma
seu emprego
o dinheiro
nada importa
exceto o amor e conexão entre as pessoas
quem você amou
e com que profundidade você amou
como você tocou as pessoas a sua volta
e quanto você se doou a elas
(Rupi Kaur)



Levando em conta tudo isso, o CEEGED/UNILA está lançando o segundo boletim especial de quarentena. Desta vez, para tratar do tema “amor e cuidado”. Em diferentes seções vamos abordar iniciativas, trazer informações úteis e compartilhar dicas. De modo especial, observamos prioritariamente os eixos básicos de atuação do comitê: violência de gênero, maternidade e paternidade, direitos LGBTQI+ e relações étnico-raciais. Todo mundo está tendo que cuidar de alguém em especial, o CEEGED também!

Nosso boletim começa com a seção “[Um Jardim de crônicas](#)”, um texto inspirado e inspirador sobre este período tão particular que estamos vivendo. Na sequência apresentaremos algumas dicas culturais que valorizando nossa cultura latino-americana e caribenha: a seção “[El arte fundamental](#)” é uma seção especial que dialoga com os conteúdos do Ciclo Comum de Estudos da UNILA. Nesta oportunidade, professoras da UNILA – mulheres especialistas em arte e cultura latino-americana – dão as melhores dicas de cinema, música, artes plásticas e literatura.

Seguimos nosso boletim com uma matéria especial, “[Novas formas de cuidado: iniciativas do local ao global](#)”, na qual divulgamos iniciativas inovadoras, acolhedoras, amorosas e de cuidados durante a pandemia.

Apresentamos, também, uma entrevista exclusiva com a professora Élen Schneider, do curso de Ciência Política e Sociologia e especialista em feminismos. A docente fala sobre “[As diversas jornadas de trabalho e a naturalização dos cuidados pelas mulheres](#)”.

Por fim, encerramos o boletim com a seção “[Entidades cuidadoras](#)”, que replica informações que todes precisam conhecer, sobre telefones e locais que podem acolher a população neste momento. As informações são úteis para toda a comunidade unileira e população em geral, dando sempre atenção especial para a temática da violência contra a mulher.

1. SEÇÃO: UM JARDIM DE CRÔNICAS

Da incerteza surpreendente do isolamento à solidariedade

Por Carla Gastaldin

Bem antes do início do período que estamos vivendo, já vínhamos de um contexto turbulento, conduzido por um viés de instabilidade política, regressão dos direitos trabalhistas, acirramento da cisão popular entre ideologias de esquerda e direita e aumento da violência contra as minorias – cenário propício para e propiciado pelo ressurgimento do conservadorismo, do preconceito e do pensamento antidemocrático .

Em meio a este cenário, que por si só já se configurava em um desastre anunciado, aparece uma ameaça ainda maior, capaz de desestabilizar mesmo os países mais ricos e organizados social e economicamente. Um ser microscópico chegou para nos mostrar a nossa inegável condição humana, chegando a levar alguns ao desespero e outros à negação de que o vírus poderia custar tantas vidas, inclusive a própria. Nesse momento apareceram as contradições entre o valor da vida e o valor da economia, com diferentes posições pessoais, grupais e institucionais a respeito.

Frente à inelutável ação da natureza e da biologia, o mundo se viu obrigado a admitir sua impotência. A partir de então, somente o controle da já conhecida curva epidemiológica poderia poupar o mundo de um desastre ainda maior. Infelizmente, ainda assim, a inevitável visita da morte não deixa de comparecer a muitos lares, afetando a existência das famílias, dos grupos e instituições.

A partir desse contexto, podemos pensar como Rubem Alves, que acredita que “o sofrimento prepara a alma para a visão de novas coisas”¹. Frente à constatação de uma grande ameaça global, só restou à humanidade um caminho: recorrer ao poder do laço social como forma de nos unirmos frente ao desconhecido, ao terror. Terror é, para Freud, a ocasião em que a surpresa vem nos visitar sem que estejamos preparados. O terror, que tem como maior pano de fundo a morte, acentuado pela ameaça de desestruturação econômica e social, nos põe a lidar com um grande dilema do ser humano: a solidão. Em tempos de aflição e isolamento, unir-se a outros acaba por ser uma estratégia, antes de tudo, de sobrevivência. É do contato com o outro que advém nossa identidade (tão abalada em tempos de solidão e medo), nossa possibilidade de experimentação de si e o sentimento de que, afinal, não estamos tão sozinhos nesse mundo.

Entretanto, buscar o outro e permitir proximidade exige o reconhecimento, consciente ou não, de que algo nos falta e de que não somos completos e onipotentes. Nesse sentido, as nossas faltas nos aproximam do “outro” e nos permitem buscar algo que assumidamente não possuímos, através da presença desse outro. Manter-se próximo de alguém enseja necessariamente o cuidado, que é um estado em que algo/alguém tem importância e por isso nos ocupamos dele, nos pre-ocupamos. Cuidar exige disponibilidade afetiva, exatamente nos termos da palavra afeto, que está ligada ao verbo afetar: permitir que algo nos toque. Conectar-se a uma pessoa exige reconhecimento da existência legítima do outro e da responsabilidade que temos numa relação. Cuidar pode então ser visto como a capacidade que as pessoas têm de se importarem com os outros, com as coisas, com a comunidade, com uma história de vida e consigo mesmas. Cuidar de forma saudável é uma forma de abrir espaço dentro de si e



de diminuir as defesas: é um jeito de ser, de se estruturar e se realizar no mundo com outros, o que é essencial para o ser humano.

Mas o que tem isso a ver com a pandemia? Rubem Alves afirma que as grandes comunhões acontecem, paradoxalmente, na ausência do outro¹ - eis que a falta nos ronda, estamos em isolamento. Esses momentos são favoráveis ao aparecimento da solidariedade, pois ela só é possível quando estamos em real estado de humildade e desprovidos de onipotência. Temos visto grandes ondas de solidariedade no mundo.

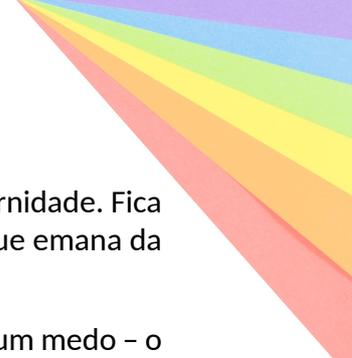
Receber cuidado é importante para todos os seres humanos, pois é o que garante o sentimento de segurança e confiança necessários para enfrentar momentos de dificuldade. O enriquecedor é que, tanto do lado de quem cuida quanto de quem é cuidado, a experiência de troca propiciada nessa relação pode ser um momento a ser lembrado para sempre, aumentando os sentimentos positivos de si e a sensação de se ter uma vida dotada de significado.

A Psicanálise aponta que todo ser humano necessita de um discurso para se sustentar, algo em que acreditar: necessita sentir-se especial, singular e amado, sentir que sua existência faz alguma diferença para o mundo e para os outros. Em tempos de caos, incertezas e isolamento, o sentimento de desamparo e desconexão pode encontrar um alento no ato de cuidar e de ser solidário. Portanto, estamos vivendo uma oportunidade única de, em resposta à falta e à diferença de cada um, viralizar a solidariedade, o amor e o cuidado com os outros. Espera-se que nessa relação de alteridade nós possamos nos tornar um pouco diferentes, um pouco mudados.

Nós precisamos aproveitar este momento de confiança no laço social, sem deixar que ele seja abalado pelo desprezo pessoal ou governamental, pelas diferenças, necessidades e singularidades das pessoas. Essa tarefa só é possível a partir de uma abertura para o outro, para o afeto e para o amor, ue se encontram sempre a serviço do laço social! Segundo Heráclito, “só se conhece bem o que se ama”² e por isso é preciso se deixar afetar para poder acolher, auxiliar, se ocupar e se importar com alguém. Diz-se que o amor é tão importante para a identidade, para a autoimagem e para o “eu” porque só amamos quando somos capazes de ver nossa própria beleza refletida nos outros, traçar um elo de identidade com estes. Desse ponto de vista, amar é também um autocuidado.

Além de tudo, amar e cuidar não deixam de ser uma forma de confrontar o sistema racional e individualista que predomina nas relações, desde que elas foram profundamente transformadas pelo mundo industrial. É sempre bom saber que essas duas formas de laço afetivo, o amor e o cuidado, desempenham um papel importante de contracultura.

Espera-se que, a partir de tudo o que estamos vivendo agora, a melhora nas relações e o espírito de solidariedade permaneçam na era pós-pandemia. Que haja entre as pessoas força



e energia suficientes para estreitar os laços que foram tão afrouxados pela modernidade. Fica a esperança de que os governos, os povos e cada um de nós apreendam a força que emana da coletividade, do cuidado, das ações conjuntas e da solidariedade.

Sigamos enfrentando a realidade e tentando nomear o terror, transformando-o num medo – o qual, ao contrário do terror, passa pelo registro consciente e (por isso) nos permite utilizar dos meios que possuímos para agir com mais tranquilidade. Essa transposição é facilitada quando estamos em contato com outras pessoas, as quais nos ajudam a balizar quais pensamentos são razoáveis ou não nesse momento, e nos auxiliam a dar outros sentidos para a nossa solidão.

Lembremos ainda do papel transformador do cuidado e do cuidar, tanto na nossa vida quanto na vida das pessoas próximas, dos vizinhos e de todos os outros seres humanos. Ademais, cabe ressaltar o papel de transformação social que é ocupado pelo ato de cuidar, pois numa época extremamente individualista, amar e cuidar são atos verdadeiramente revolucionários.

Que a transformação que tem sido operada pelo cuidado, amor e solidariedade entre as pessoas permaneça e se intensifique, isso é o melhor que podemos querer e FAZER pelo mundo. Sejam essa microrrevolução!

Foz do Iguaçu, junho de 2020

1 Lago, Samuel O Melhor de Rubem Alves. Curitiba: Editora Nossa Cultura, 2014 p 243 e 253

2 Rocha, Z. Heráclito de Éfeso, filósofo do Lógos. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., VII, 4, 7-31.

2. SEÇÃO “ EL ARTE FUNDAMENTAL”

Por Maria Aparecida Webber e Renata Peixoto de Oliveira

Em um espaço-tempo muito variado, que vai desde a vista cheia de prédios das metrópoles ao silêncio audível da selva, nuestra Abya Ayala nos abraça e nos recebe a todes. O que nos difere? O que nos aproxima? Paradoxalmente a América Latina se torna una em sua diversidade. Só pode ser percebida em toda sua complexidade e riqueza quando há lugar para suas múltiplas expressões e facetas.

Conhecer suas histórias, seus biomas, suas línguas e a pluralidade de percepções do mundo e da arte que aqui existe nos fortalece enquanto hermanos-irmãos, nos dando coragem nas muitas batalhas que ainda nos aguardam no processo de descolonizar nossas rotinas e enaltecer nossos saberes.

Te convidamos para somar nesse movimento crescente de valorização e profundo respeito às culturas que compõem o mosaico latino-americano, provando nuestro “vino de plátano” nas singelas/espetaculares indicações que seguem.

Dica de cinema:

A professora Paula Fernandes, do ILAESP, nos deixa uma dica preciosa para amantes do cinema argentino. A plataforma Cine Ar Play disponibiliza filmes argentinos gratuitamente através de uma plataforma digital cujo acesso se dá pelo site <https://play.cine.ar/bienvenida/>.

Natalia Figueiredo, professora de Espanhol, nos deixa como dica cinematográfica a plataforma Retina Latina: <https://www.retinalatina.org/>. Nela, nós destacaríamos o filme chileno “Lascosas simples”, que se localiza exatamente na tratativa da temática do cuidado e do gênero. Além disso, a docente indica o filme “O filho uruguaio”, produção francesa rodada no Uruguai e que trata do tema maternidade. O filme faz parte da programação do Cine Varilux, edição em casa <http://festivalvariluxemcasa.com.br/>.

Ainda considerando produções audiovisuais, uma sugestão bastante inquietante é a do curta-metragem “El Mundo de la Mujer”, de Maria Luisa Bemberg <https://www.youtube.com/watch?v=w7nSGeLJH6k>, sugerido pela docente Andréia Moassab, do curso de Arquitetura.

Museus:

Natalia Figueiredo também nos deixa outra dica preciosa: visitas virtuais a importantes museus da região, como o Malba <https://coleccion.malba.org.ar/> e o Museu Frida Kahlo <https://www.museofridakahlo.org.mx/es/el-museo/multi-media/>

Poesia:

Além disso, a professora Natalia deixa outra excelente dica, sobre o Canal Encuentro, do qual selecionamos um poema registrado em vídeo: En verso: Una mujer que llora en la coci- na (Graciela Aráoz) - Canal Encuentro <https://www.youtube.com/watch?v=dBSM5kXQenU&feature=youtu.be>



Yara Tupynambá, na série “Comunidades”

3. MATÉRIA ESPECIAL: “NOVAS FORMAS DE CUIDADO: INICIATIVAS DO LOCAL AO GLOBAL”

por Carla Gastaldin

A capacidade de escolher caminhos de vida que não sejam meramente instintivos deriva da característica do ser humano não só de pensar, mas essencialmente de sentir. O neurologista português António Damásio assim corrigiu, em “O Erro de Descartes”, o postulado do filósofo francês: “Penso, e sinto, logo existo”. O que a ciência demonstrou ao longo do tempo foi que nossas decisões têm como pano de fundo os sentimentos, pois são eles que nos trazem a habilidade de perceber o mundo em nuances e inventar formas criativas de existir. Por esse motivo os computadores jamais serão capazes de tomar certas decisões como nós, pois nesse ponto estamos à frente. A criatividade inventiva recorre à afetividade.

A forma de viver é unicamente aprendida e criada, desde o nascimento, a partir do contato com outros seres humanos ao nosso redor. Não há nenhum humano que sobreviva sem o desejo do outro, já que somos os mais dependentes entre os mamíferos. Apesar disso, o outro é uma das grandes fontes de sofrimento para nós, pois é sempre difícil conviver com as diferenças.

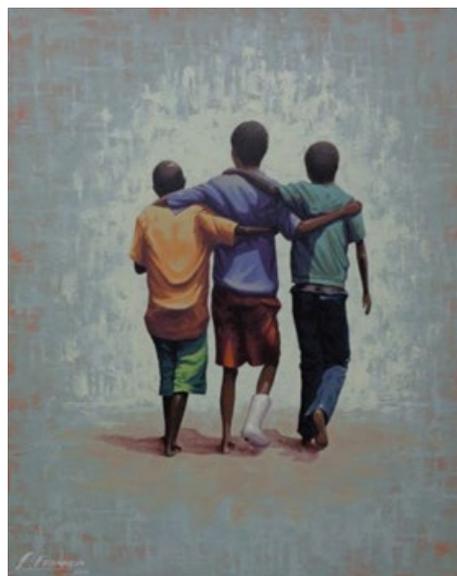
O processo de identificação é a via pela qual nós nos mantemos em contato com o outro, e nos transformamos, numa relação. Trata-se de um processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila total ou parcialmente atributos de outra pessoa, a qual funciona como uma espécie de espelho.

Apostando nessa relação especular com o outro e na capacidade que possuímos de nos transformar nesse contato, o CEEGED reuniu com muito carinho iniciativas de pessoas, grupos e organizações que estão trabalhando para fazer deste planeta um lugar melhor neste momento. São ações da comunidade local (região de Foz), do país e do mundo, que podem inspirar você a se juntar a essa corrente. Será agora a sua vez de fazer e ser essa revolução por um mundo mais cuidadoso?

Veja, copie ou tenha sua própria ideia criativa, amorosa e solidária:

1. A organização internacional **ActionAid** nos inspira com uma gama de iniciativas humanitárias inovadoras em diversos campos. Acesse em: <http://actionaid.org.br/>
2. A **Segura a Onda** nos brinda com um guia de iniciativas cidadãos de enfrentamento do coronavírus. Lindo! Você também pode divulgar a sua iniciativa para inspirar outras pessoas: <https://seguraaonda.com.br/>
3. O programa **Mães da Favela**, da Central Única das Favelas (CUFA), criou um fundo solidário COVID-19, que recebe doações via internet. O fundo atende famílias que vivem nas favelas. Acesse: <https://www.maesdafavela.com.br/>
4. **Criola** é uma organização da sociedade civil com mais de 25 anos de trajetória na defesa e promoção dos direitos das mulheres negras. Na aba “projetos” você encontra iniciativas que visam incentivar a luta política de grupos de mulheres negras, o fortalecimento de lideranças e o autocuidado. <https://criola.org.br/>

5. A revista **100 fronteiras** traz, no link a seguir, iniciativas locais (Foz do Iguaçu) de cidadãos comuns, para cuidar uns dos outros em um momento tão difícil como este que estamos vivendo. Encontre algo em que possa colaborar, ou crie algo você também: <https://100fronteiras.com/foz-do-iguacu-se-inunda-de-solidariedade-diante-da-pandemia/>
6. Veja que a solidariedade é acalentadora: Um **hotel** no centro de Foz, que esteve vazio devido à pandemia, decidiu usar a estrutura do seu empreendimento para ajudar pessoas. Os proprietários ofereceram as dependências do estabelecimento e o trabalho dos funcionários para produzir e entregar alimentos à população carente. Este é um exemplo de iniciativa empresarial para fazer deste mundo um lugar melhor. Link: <https://www.h2foz.com.br/noticia/voluntarios-preparam-e-distribuem-quase-mil-refeicoes-por-dia-em-foz>
7. A comunidade unileira não ficou de fora, pois nossos alunos “dão um show” de solidariedade. Um dos diretórios estudantis está com uma “**vakinha**” **virtual** aberta, que já arrecadou quase R\$ 30.000,00. A meta de arrecadação é de 50 mil. O dinheiro será destinado a ajudar 434 estudantes, com cestas básicas, pelo período de quarentena. Você pode contribuir, compartilhar o link para divulgar a campanha ou criar sua própria vaquinha com objetivo social: <https://www.vakinha.com.br/vaquinha/rede-de-apoio-aos-estudantes-da-unila>
8. Desde o ano de 2009, a **campanha do agasalho do SESC Paraná**, ocorre nas mais de 30 Unidades Executivas no estado do Paraná, arrecadando roupas para instituições sociais. Com a chegada do inverno, esta é uma excelente iniciativa a ser implantada em sua comunidade ou instituição: <https://www.sescpr.com.br/projeto/campanha-do-agasalho/>
9. A **agência da ONU** para refugiados fornece itens de higiene e assistência básica para prevenir a transmissão de coronavírus, além de permitir o acesso a serviços de saúde para realização de exames e consultas médicas. Foz do Iguaçu é uma cidade onde coexistem pessoas advindas de muitos países, e a UNILA é um local especialmente composto por estrangeiros. Inspire-se aqui e talvez consiga pensar numa iniciativa local para esta área! <https://www.acnur.org>
10. **Campanha de Solidariedade - O Coletivo Mulheres sem Fronteiras** leva alimentos, produtos de limpeza, de higiene e fraldas para mulheres em situação de rua e de violência doméstica (região de Foz do Iguaçu). Uma iniciativa linda que pode nos ensinar muito: <https://www.facebook.com/mulheressemfronteira/>



"Solidariedade", de Carlos Franca

4. ENTREVISTA EXCLUSIVA: “AS DIVERSAS JORNADAS DE TRABALHO E A NATURALIZAÇÃO DOS CUIDADOS PELAS MULHERES”

Por Renata Peixoto de Oliveira, CEEGED

Pesquisadora e especialista em estudos feministas e de gênero, formada pela UFRGS, Élen Schneider é docente vinculada ao curso de Ciência Política e Sociologia da UNILA. Mãe da pequena Verônica, ela vem se dedicando a estudar as múltiplas jornadas de trabalho das mulheres. A professora Renata Peixoto de Oliveira, membra do CEEGED, teve o prazer de entrevistar a pesquisadora com exclusividade para o nosso boletim. Lembrando que a entrevista foi realizada a distância para respeitar as orientações de distanciamento social, necessárias para o combate à pandemia.

CEEGED: Sua nova agenda de pesquisa nos leva a entender as múltiplas jornadas de trabalho das mulheres, poderia explicar a imbricação disto com a divisão sexual do trabalho?

Élen Schneider: Tenho prestado atenção em como as extensas jornadas de trabalho que as mulheres fazem possuem, na verdade, múltiplas jornadas de trabalho no seu interior, muito diferente das jornadas de trabalho dos homens. Há uma necessidade de teorizar e politizar essas jornadas de trabalho e demonstrar como a atribuição de sobrecarga de trabalho às mulheres é uma violência patriarcal e racista. Nesta atribuição vários atores estão em jogo: os sistemas históricos do patriarcado, racismo e os mais recentes de capitalismo e colonialismo, que reconfiguram os primeiros; mas também os sujeitos na concretude das suas vidas.

Por múltiplas jornadas, entendo uma jornada de trabalho demasiadamente extensa, que tem no seu interior muitas outras jornadas de trabalho. Na minha pesquisa estou identificando, até então, pelo menos seis: 1) a reprodutiva e de cuidado, que é todo o trabalho interminável e diário de limpeza, higienização, cuidados, criação, etc.; 2) a considerada produtiva, que é o trabalho assalariado; 3) a militante e/ou política, para aquelas que militam por relações antipatriarcais e mais justas, mas também por melhores serviços e direitos; 4) a pedagógica, empreendida por praticamente todas as mulheres que acreditam numa socialização menos machista em seus espaços de trabalho, companheiros, pais, filhos, e relações afetivas, seja elas quais forem; 5) a sexual, de um trabalho sexual compulsório e muitas vezes sem o prazer merecido, nem o exercício de sua sexualidade livre; e 6) a emocional, que é transversal a todas as demais e é uma sobrecarga emocional de planejamento, logística e gestão da vida de todas as pessoas que as cercam. Busco verificar, com a caracterização detalhada das jornadas, que a diminuição da violência contra as mulheres depende de suas libertações da extenuante e múltipla jornada imposta às suas vidas pela divisão social, racial e sexual do trabalho e isso exige transformações sociais, políticas e econômicas revolucionárias.

Penso que divisão sexual do trabalho estrutura e distribui as atividades das pessoas no mundo, já que diz respeito à separação (tipos de trabalho por gênero) e hierarquização do trabalho (trabalhos de homens valem mais). A divisão sexual é muito antiga e remonta pelo menos sete mil anos, com a organização social baseada em estruturas e relações patriarcais (posse da terra, cercamento de terras e posse dos corpos e mulheres para a reprodução de herdeiros). Entretanto, com o advento do capitalismo, o trabalho reprodutivo foi submetido e desvalorizado em detrimento do trabalho assalariado, se desvalorizou ainda mais. É costumeiro que as mulheres recebam a atribuição doméstica, caracterizando a divisão sexual do trabalho como um fenômeno que empurra o gênero para o sexo biológico, reduzindo as práticas sociais e

concretas ao destino natural da espécie, sendo que as práticas sexuadas são construções sociais, são históricas e resultados das relações sociais, realizadas na prática social, na concretude da vida.

Para a América Latina, com a colonização, a extensão da jornada de trabalho às múltiplas jornadas para as mulheres guarda uma relação com a divisão sexual do trabalho, mas também com a divisão étnico-racial do trabalho. Assim, o termo divisão sexual do trabalho não é mais suficiente para entender as tramas de dominação/subalternização/exploração que foram tomando o patriarcado-racismo-capitalismo-colonialismo. Melhor seria falarmos em divisão interseccional do trabalho. Essa leitura da realidade amplia a nossa compreensão sobre as jornadas de trabalho, não somente como “dupla jornada” ou “tripla jornada”, mas como múltipla jornada de trabalho imbricada diretamente às relações étnico-raciais, patriarcais e capitalistas-coloniais. Essa ampliação nos ajuda a entender as desigualdades intragênero e também intrarraciais da divisão do trabalho na sociedade.

Além de ser violenta, a divisão interseccional do trabalho permite o barateamento da força de trabalho como um todo, já que quase todas as jornadas de trabalho realizadas pelas mulheres são realizadas gratuitamente, sem remuneração e sequer reconhecimento de valor social.

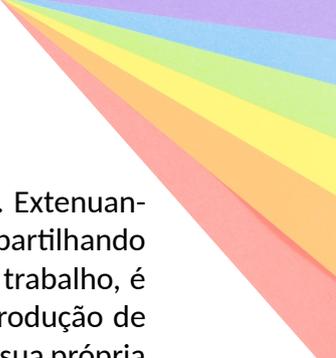
CEEGED: As mulheres estão na linha de frente do combate à pandemia, seja por que são maioria entre profissionais da área da saúde, seja por que a elas cabe, culturalmente, o papel dos cuidados com o ambiente doméstico. Assim, a limpeza, o preparo das refeições e os cuidados com os familiares, caíram, diretamente, no colo das mulheres. Poderia comentar a este respeito?

Elén Schneider: Às mulheres, coube historicamente a linha de frente em muitas sociedades. Foi preciso um grande extermínio de mulheres e apurada força discursiva – na qual a ciência teve um papel chave após o século XV –, para que o trabalho e a gestão que realizavam à frente da humanidade passassem a ser desvalorizados.

As tarefas não caíram somente no colo. Estão reativados mecanismos morais e políticos de que as mulheres são responsáveis pelo bem-estar e harmonia da sociedade nos tempos de pandemia de Covid-19, mas principalmente de pós-pandemia. Dados europeus demonstram que o retorno da força de trabalho pós-pandemia é 70% masculino. Como as escolas, colégios e serviços de cuidado não voltaram às atividades, quem cuidará das crianças? As pessoas que possuem empregos mais precários, flexibilizados, de tempo parcial, no setor de serviços. E quem são essas pessoas? As mulheres. Mulheres empobrecidas, negras, indígenas mais ainda. Isso demonstra o quanto os sistemas sexista, patriarcal e racista são mais antigos que o capitalismo, mas eles encontram no capitalismo industrial e dependente um consórcio cruel.

Dependendo da classe social e da identidade étnico-racial das mulheres o pós-pandemia pode significar o retorno ao desemprego, a um trabalho mais desvalorizado e barateado ou simplesmente voltar a delegar as tarefas domésticas às trabalhadoras domésticas novamente e seguir em frente, como se quase nada tivesse acontecido. A vida de muitos homens pouco mudará.





Isso nos mostra o quanto é falida a nossa sociedade neoliberal “cada um por si”. Extenuantes jornadas de trabalho; quase inexistentes comunidades e vidas comuns compartilhando a reprodução ampliada da vida. O cuidado de crianças, que são a futura força de trabalho, é realizado pelas mulheres em nome do amor e do sacrifício familiar; além da reprodução de adultos extremamente saudáveis e capazes de lavar a sua própria louça e cuidar na sua própria manutenção, enquanto sujeito e trabalhador no mundo.

CEEGED: Frequentemente, em suas falas, costuma comentar sobre o fato de que o termo gênero tomou o lugar da discussão sobre o patriarcado. Poderia nos explicar melhor e relacionar a esta problemática sobre o trabalho doméstico e a dimensão dos cuidados sendo naturalizados para as mulheres?

Elén Schneider: Sim, o que costumo dizer é uma frase de Francesca Gargallo, que acha que os sistemas de gênero são uma prisão e questiona por que na década de 1990 o feminismo latino-americano deixou de buscar em suas próprias práticas, em sua experimentação e na história de suas reflexões, os sustentos teóricos de sua política: “Por que aceitou acriticamente a categoria gender-gênero para explicar-se e a participação em políticas públicas como a solução para a crise do movimento, segundo exigia a cooperação internacional?”

O que aconteceu em 1990 na América Latina? Neoliberalismo. Então não costumo advertir contra a palavra gênero, mas ao seu uso e aos sentidos que foram adquirindo. Foi estratégico não vincular a opressão das mulheres, nem as perseguições LGTBfóbicas a mecanismos estruturais antigos, como os Racismos e os Patriarcados.

Aconteceram criações de políticas públicas de gênero aparentemente eficazes e democráticas, mas que não abalaram ainda as estruturas dos sistemas históricos de opressão das mulheres que são o patriarcado e o racismo. Justamente por advirem de financiamentos e ideias das quais, como latino-americanas, estávamos dependentes.

A estrutura de atribuição compulsória dos trabalhos domésticos às mulheres, por exemplo, continua praticamente intacta, mesmo com as “políticas de igualdade de gênero”.

Gênero foi desde então uma palavra que substituiu a mulheres em todos documentos da ONU. Uma palavra que nasceu com grande potência, tornou-se apolítica e acabava remetendo à subordinação das mulheres aos homens. “Estudos de Gênero” passaram a substituir estudos feministas nas universidades e os homens puderam se acoplar novamente. Esse fenômeno nublou inclusive a capacidade de debater a diversidade, pluralidade e a intersexualidade com o termo.

O que penso é que precisamos voltar a falar de patriarcado como um sistema mutável e histórico, que estrutura muitas opressões, inclusive a de gênero.

CEEGED: Algo que chama atenção nestes tempos de pandemia é a vulnerabilidade de mulheres chefes de família, da classe trabalhadora e que vivem em comunidades, geralmente em habitações precárias, e ainda sentindo os efeitos econômicos desta crise e da falta de presença do Estado e de ações governamentais efetivas. Em tempos de cuidados tão necessários, quem cuida das mulheres?



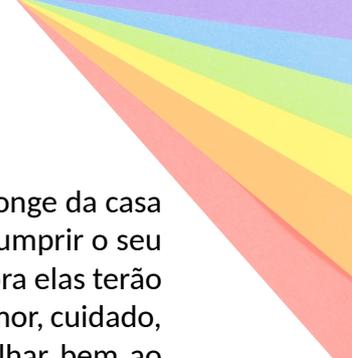
Élen Schneider: O que percebo atualmente é um contingente enorme de mulheres sendo atacadas pelo Estado. Nesse sentido posso coincidir com o termo “vulnerável”: aquela que está “sujeita a ser atacada”, “prejudicada”. Sabemos que quase 30 milhões de “famílias” são chefiadas por mulheres no Brasil, pelo menos 42% das “famílias” no país possuem “mulheres chefes de família”, muitas são mães solo, não possuem cônjuge ou parceria com que dividir tarefas. Pertencem a uma divisão sexual, racial e social do trabalho na qual suas posições de trabalhos são flexibilizadas, precarizadas, de tempo parcial, instáveis.

Nesse momento de crise, o Estado destinou o cuidado de crianças e idosos (e até de adultos bem saudáveis e capazes) às mulheres novamente, à quase metade da população provedora. Poderia ser outro motivo que não a pandemia de Covid-19; as crises geralmente

invocam papéis estruturais das relações sociais de classe, raça e gênero. Mesmo que o Estado destine alguma renda básica às famílias, ele já decidiu anteriormente que essas mulheres obrigatoriamente terão que lidar com essa realidade, com uma precariedade mais aprofundada da que já vivenciavam anteriormente. E essa é uma presença normativa do Estado patriarcal-racista-capitalista-colonial: destinar papéis e lugares sociais precários às mulheres, negras, indígenas e empobrecidas.

Essa situação nos mostra pelo menos quatro facetas do Estado: 1) O Estado não está ausente, ele está presente governando para os monopólios, oligopólios e burguesia. Até pode ser mínimo em termos de direitos sociais, mas ironicamente está ditando onde estará sua presença e sua ausência capitalista; 2) o Estado é patriarcal e está governando pelos e para os homens, brancos, heterossexuais e burgueses. Os feminismos nos mostram que há uma dimensão pouco conhecida nas versões e visões de Estado: a de que não importa a variante estatal, elas se construíram sobre a base da divisão sexual e racial do trabalho. Mesmo as visões mais democráticas de Estado precisam atentar-se a que as mulheres, os homens e também os gêneros plurais foram incorporados de formas muito diferentes como “cidadãos”. É comum o esquecimento de que as mulheres burguesas sequer tinham a permissão de cidadania no Estado Nacional, imaginemos então a situação das mulheres como um todo. Essa negação é uma presença de Estado na vida das mulheres, um Estado-patriarca, que lhes define posições e permissões, geralmente mais precárias. Além, claro, das decisões estatais sobre os corpos e direitos reprodutivos das mulheres. As mulheres também estão envolvidas no Estado de maneiras que não são tão declaradas, como: realizar confrontações e negociações diárias com todos funcionários do Estado ou do setor privado (muitas vezes serviços privatizados pelo próprio Estado): serviços sociais, de educação e de saúde. São comumente as mulheres quem estão à frente nas negociações e lutas para melhorar esses serviços. 3) O Estado é racista na medida em que opera com mecanismos de violência e necropolítica, extermínio da população de pessoas negras e indígenas. 4) O Estado guarda relações com a colonização: forjando dependência econômica, subalternização e racialização na construção das desigualdades.

Ainda sobre o tema estatal em sua dimensão patriarcal podemos constatar que as mulheres estão exiladas massivamente das esferas públicas e de decisão e é importante sabermos que a divisão patriarcal entre público e privado é também uma divisão sexual. Dados mundiais demonstram que apenas 23,6% da representação política é ocupada por mulheres e apenas 10,5% no Brasil. O exílio das mulheres às esferas domésticas, íntimas, de reprodução das necessidades é também uma política de Estado. Estamos vivendo um momento em que um



contingente enorme de mulheres é intimado a ficar em casa, que geralmente é longe da casa de seus patrões e patroas – impossibilitando a conciliação de trabalhos –, para cumprir o seu exílio e as tarefas infinitas de cuidado e reprodução da vida. A diferença é que agora elas terão que dar conta de tudo: prover o sustento financeiro e também prover a casa de amor, cuidado, higiene, saúde, alimentação e ainda de trabalho sexual – pois, se pudermos olhar bem ao nosso redor, as trabalhadoras sexuais não pararam de trabalhar.

Eu vejo tudo isso como um ataque muito certo do Estado patriarcal-racista-capitalista-colonial. É interessante perceber que nós pensamos que os cuidados são necessários, mas os Estados dificilmente pensarão neles como trabalhos valorizáveis. Em 1970 eclodiu em várias partes da América Latina um debate feminista de que era necessário um “salário para o trabalho doméstico”. Seria útil pensar nessas possibilidades e pautas novamente, em termos de direitos sociais mínimos.

Quem cuidará das mulheres? É importante ver o quanto, em tempos de crise – apesar de nós sermos novamente coagidas institucionalmente aos papéis históricos de reprodução gratuita e desvalorizada das necessidades daqueles que detêm um trabalho assalariado ou posições de poder na esfera pública –, nós demonstramos novamente a nossa força perante o mundo e nós mesmas: sem mulheres, não se atravessa nenhuma crise, não se produz nem vida, nem revolução social! E isso longe de ser uma romantização é um lembrete das capacidades psíquicas, criativas e transformadoras que as mulheres oferecem para as sociedades, potência que a ciência universalizante negou recorrentemente. Os exemplos são as organizações de mulheres que se remetem às suas abuelas ancestrais, como as mulheres Mapuches, até organizações de mulheres por recursos básicos, como água e gás, na Bolívia nos anos 2000, lutas antiextrativistas em vários países da América Latina, mulheres comunitárias e sanadoras na América Central, entre muitas outras formas de ser mulher no mundo durante as crises.

Nossas referências de mulheres históricas, ancestrais e de luta, muitas vezes exterminadas massivamente, mais do que nos cuidar, servirão de guias. Temos que recuperar esses ensinamentos.

5. ENTIDADES CUIDADORAS

Em primeiro lugar, o **CEEGED** reafirma seu compromisso de oferecer acolhimento e apoio psicológico à comunidade universitária em qualquer situação relacionada à violência contra as mulheres e/ou outras questões relacionadas a gênero. O acolhimento e o apoio psicológico são realizados por meios virtuais durante a quarentena. A conversa com a equipe do comitê pode ser agendada pelo e-mail ceeged@unila.edu.br o horário com a psicóloga pode ser agendado pelo e-mail carla.gastaldin@unila.edu.br.

- **Contatos de emergência para situações que envolvam todos os tipos de violência contra as mulheres:** As mulheres contam com a Delegacia da Mulher, o CRAM, a Patrulha Maria da Penha e a Polícia Militar em situações de emergência/violência:

Denúncia de Violência contra a Mulher - 180

Centro Referência em Atendimento à Mulher em Situação de Violência - CRAM - 0800-643-8111

Delegacia da Mulher: 3521-2151

(no período de quarentena a indicação é ligar antes de comparecer ao local, ressaltando que a delegacia **aceita ligação a cobrar**) ou e-mail dpmulherfoziguacu@pc.pr.gov.br

Patrulha Maria da Penha: 98401-6287

Polícia Militar também pode ser acionada pelo telefone 190



Imagem: campanha Coletivo Mulheres Sem Fronteira

- Contatos de acolhimento psicológico geral:

Foz do Iguaçu possui um serviço de acolhimento psicológico montado pela prefeitura justamente para atendimento das pessoas neste momento difícil que todos estão passando.

O acolhimento psicológico é direcionado tanto para o público geral (por telefone) quanto para os profissionais de saúde (presencial):



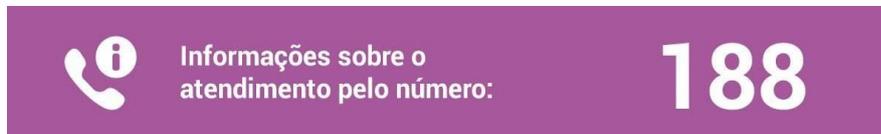
**PREFEITURA DE**
Foz do Iguaçu
Foz contra a Covid-19

SERVIÇO DE
ACOLHIMENTO
PSICOLÓGICO
POR TELEFONE
Nesse momento
emergencial, um auxílio
para o sofrimento,
tensões e angústias
SEGUNDA
A SÁBADO
7h às 18h
2105-9003 **#ficaemcasafoz**



**PREFEITURA DE**
Foz do Iguaçu
Foz contra a Covid-19
SERVIÇO DE
ACOLHIMENTO
PSICOLÓGICO
PRESENCIAL
Profissional da Saúde,
manter o equilíbrio emocional
neste momento é muito
importante. Não se sinta
desamparado, conte com a
ajuda de psicólogos.
SEGUNDA
A SÁBADO
7h às 18h
3901-3559 **#ficaemcasafoz**

Um ponto importante de apoio é o Centro de Valorização da Vida (CVV), que realiza apoio emocional e prevenção do suicídio, atendendo voluntária e gratuitamente todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo por telefone, email e chat 24 horas todos os dias:



 Informações sobre o
atendimento pelo número: **188**

Soneto de Fidelidade

Vinicius de Moraes

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

CEEGED



UNILA

